

FINANÇAS PESSOAIS: UM ESTUDO COM CRISTÃOS CATÓLICOS E EVANGÉLICOS

PERSONAL FINANCES: A STUDY WITH CATHOLIC AND EVANGELICAL CHRISTIANS

Joana Cecília Freitas Pereira

joanacecilia@alu.uern.br

Rosângela Queiroz Souza Valdevino

rosangelavaldevino@uern.br

Flária Regina Brito de Oliveira

flariaregina@uern.br

Adriana Martins de Oliveira

adrianamartins@uern.br

RESUMO

O presente estudo objetivou analisar o impacto da autoeficácia percebida no comportamento financeiro e nos níveis de estresse financeiro de cristãos católicos e evangélicos de Mossoró/RN. Trata-se de pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa, realizada por meio de questionário online aplicado a 75 respondentes, dizimistas e/ou ofertantes da Igreja Católica Central e da Igreja Evangélica Abençoando as Nações. Os dados foram organizados em tabelas de frequência relativa e absoluta, possibilitando análise comparativa entre os grupos religiosos. Os resultados indicaram níveis elevados de autoeficácia percebida em ambos os grupos, com diferenças sutis nos comportamentos financeiros. Os católicos demonstraram maior confiança na capacidade de resolver problemas e enfrentar imprevistos, enquanto os evangélicos destacaram-se pela disciplina e orientação a resultados de longo prazo. Quanto ao estresse financeiro, observou-se maior vulnerabilidade entre os católicos, associada à menor estabilidade de renda e à ausência de reservas, ao passo que os evangélicos apresentaram maior sensação de segurança e controle financeiro. O estudo contribui teoricamente para o debate sobre educação financeira e fé e, na prática, evidencia o papel das igrejas na promoção de educação financeira baseada em princípios bíblicos, ressaltando a importância da gestão consciente dos recursos para o bem-estar financeiro e emocional.

Palavras-chave: Autoeficácia percebida; Comportamento financeiro; Estresse financeiro; Católicos; Evangélicos.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the impact of perceived self-efficacy on financial behavior and financial stress levels among Catholic and Evangelical Christians in Mossoró, Rio Grande do Norte, Brazil. It is a descriptive study with a quantitative approach, conducted through an online questionnaire administered to 75 respondents who were tithers and/or contributors from Igreja Católica Central and Igreja Evangélica Abençoando as Nações. The data were organized into relative and absolute frequency tables, enabling a comparative analysis between the two religious groups. The results indicated high levels of perceived self-efficacy in both groups, with subtle differences in financial behavior. Catholics demonstrated greater confidence in their

ability to solve financial problems and cope with unforeseen events, whereas Evangelicals stood out for their discipline and long-term goal orientation. Regarding financial stress, greater vulnerability was observed among Catholics, associated with lower income stability and the absence of financial reserves, while Evangelicals reported a stronger sense of security and financial control. The study contributes theoretically to discussions on financial education and faith and, from a practical perspective, highlights the role of churches in promoting financial education grounded in biblical principles, emphasizing the importance of conscious resource management for financial and emotional well-being.

Keywords: Perceived self-efficacy; Financial behavior; Financial stress; Catholics; Evangelicals.

1 INTRODUÇÃO

A qualidade de vida é um fator primordial para o bem-estar do ser humano. Nesse sentido, falar sobre dinheiro torna-se necessário pois a gestão das finanças pessoais influi diretamente na sensação de segurança, autonomia e capacidade de enfrentar imprevistos. Conforme Silva *et al.* (2024), quando o indivíduo tem maior controle das suas receitas, despesas e planejamento, ele tende a perceber maior qualidade de vida. Diante desse contexto, Serra *et al.* (2022) afirmam que a crença de capacidade para tomada de decisões influencia diretamente nas escolhas e comportamentos de poupança, investimento e uso de crédito, sendo capaz de promover comportamentos responsáveis em situações de viés cognitivos e tomar decisões financeiras mais confiantes.

De acordo com Dornelas, Nascimento e Rangel (2022) o planejamento financeiro é um comportamento que quando adotado leva a consequências futuras positivas, uma vez que permite ao indivíduo estruturar objetivos e metas, bem como traçar estratégias financeiras com clareza, reforçando que o planejamento não se limita apenas ao controle imediato de gastos cotidianos, mas também prepara o indivíduo para lidar com situações adversas, contribuindo para a redução de incertezas financeiras que levem a dívidas futuras. Em contribuição a isso, Souza e Nieves (2021) destacam que o conhecimento em finanças no que concerne a reservas financeiras e investimentos, podem garantir estabilidade financeira ao indivíduo. Paralelo a esses estudos, Provu (2025) afirma que os problemas financeiros dos indivíduos não estão ligados apenas a ausência de recursos, mas principalmente a falta de organização e de planejamento das suas finanças.

Partindo desse pressuposto, têm-se como uma condição que ultrapassa a esfera econômica e afeta diretamente a saúde mental, física e social dos indivíduos, o estresse financeiro. Conforme Silva (2025), o bem-estar e a saúde mental do ser humano são afetados significativamente por meio do estresse financeiro. Em seu estudo feito com um determinado público alvo, foi constatado que a instabilidade econômica compromete não apenas a qualidade de vida, mas também a saúde mental, especialmente entre populações vulnerabilizadas. A escassez de recursos financeiros está ligada diretamente ao aumento de quadros de ansiedade, depressão e sofrimento emocional, na medida em que limita o acesso a direitos fundamentais, como moradia, alimentação, saúde e educação. Ademais, Kosminsky (2020) observa em sua pesquisa que o corpo acaba por expressar o sofrimento causado pelas tensões econômicas, revelando sintomas como dores musculares, cefaleias e distúrbios psicossomáticos, que muitas vezes se intensificam na ausência de suporte adequado. Diante disso, reconhece-se que o bem-estar psicológico não pode ser dissociado das condições materiais de existência.

A partir desse contexto, esta pesquisa levanta o seguinte problema: qual o impacto da autoeficácia percebida no comportamento financeiro e nos níveis de estresse financeiro dos cristãos católicos e evangélicos? Com base nisso, o objetivo geral desse artigo é verificar qual o impacto da autoeficácia percebida no comportamento financeiro e nos níveis de estresse financeiros dos cristãos católicos e evangélicos. No que tange a metodologia do trabalho, se trata de uma pesquisa descritiva quantitativa, aplicada com cristãos católicos e evangélicos, tendo como características que sejam dizimistas e ofertantes da igreja a qual pertence, levando em consideração o comprometimento que esse público tem com a igreja de forma constante, se essa prática se estende de forma que abranja diversas áreas da suas vidas, no que se refere ao comportamento financeiro.

No que se refere ao aspecto teórico da presente pesquisa é possível compreender como o comportamento financeiro disciplinado dos cristãos influencia nas suas tomadas de decisões, mostrando que no estudo das finanças pessoais é possível compreender o comportamento e a percepção financeira dos cristãos que tem constante hábito de ofertar e dizimar. No que tange ao aspecto prático, a pesquisa tenta compreender por meio dos resultados como esse engajamento religioso pode mitigar o estresse financeiro e auxiliar no planejamento das finanças pessoais.

Este estudo está dividido em cinco seções, introdução, que busca evidenciar a relação entre educação financeira e o endividamento de professores universitários aposentados, seguido do problema de pesquisa, referencial teórico, procedimento metodológico, resultados e discussões e considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção, de caráter teórico, está organizada em três subseções, cada uma dedicada à discussão de uma das variáveis centrais desta pesquisa. Inicialmente, aborda-se o conceito de autoeficácia percebida, explorando sua definição, fundamentos teóricos e sua relação com a tomada de decisões financeiras. Em seguida, discute-se o comportamento financeiro, considerando os hábitos, atitudes e práticas adotadas pelos indivíduos na gestão de seus recursos econômicos. Por fim, apresenta-se a variável estresse financeiro, examinando suas causas, manifestações e implicações na saúde mental e no equilíbrio financeiro dos indivíduos. Ao longo da seção, também são apresentados estudos anteriores que abordam essas temáticas, com o objetivo de contextualizar a pesquisa e fundamentar teoricamente a análise das interações entre essas variáveis.

2.1 AUTOEFICÁCIA PERCEBIDA

A autoeficácia percebida, entendida como a crença que o indivíduo tem em sua própria capacidade de organizar e executar ações necessárias para controlar situações desafiadoras, é um construto central na teoria cognitiva social de Bandura (1997), pois molda motivação, persistência diante de obstáculos e reação a frustrações. Em finanças pessoais, essa crença implica não apenas em saber o que fazer, mas em sentir que se é capaz de resolver problemas financeiros difíceis se fizer o esforço necessário. Barreto e Costa (2022) destacam que uma boa gestão se dá pelo equilíbrio de receitas e despesas, evidenciando que o controle financeiro depende não apenas de conhecimento técnico, mas também da convicção de que é possível manter tal equilíbrio. Nesse mesmo sentido, Menicucci 2023 ressalta que a confiança nas próprias habilidades financeiras está associada a menores níveis de endividamento e a decisões de consumo mais conscientes, demonstrando que a autoeficácia funciona como barreira protetiva contra escolhas impulsivas.

Pabis e Silva (2024) apontam que indivíduos com maior alfabetização financeira apresentam maior confiança em suas habilidades para lidar com orçamentos, investimentos e crédito, o que reforça a necessidade dessa crença para a realização de objetivos, indicando que a autoeficácia percebida também está associada à persistência na busca de metas, mesmo em contextos adversos. Complementando esse argumento, Carvalho, Fonseca e Almeida (2020) afirmam que a persistência, quando aliada à autoconfiança financeira, possibilita a construção de planos de longo prazo mais realistas, mesmo em contextos de instabilidade econômica.

Além disso, Nuintin *et al.* (2024) observaram que servidores técnico-administrativos que participaram de cursos ou receberam orientações sobre finanças pessoais apresentaram menores níveis de ansiedade financeira e melhor qualidade de vida, demonstrando que o conhecimento adquirido fortalece a confiança para enfrentar situações de endividamento. De forma complementar, Soares, Costa e Garcia (2019) verificaram que o contato com conteúdo de educação financeira, quando aplicado de maneira prática, favorece a internalização de comportamentos mais saudáveis de consumo e aumenta a confiança dos indivíduos em suas próprias decisões financeiras.

Outro aspecto relevante é o impacto da autoeficácia nas decisões de investimento. Teixeira, Lopes e Meurer (2023), ao analisarem estudantes de Ciências Contábeis, constataram que aqueles com maior percepção de autoeficácia financeira apresentaram perfis de investidor mais arrojados, sugerindo que a confiança influencia diretamente a disposição em assumir riscos. Nesse sentido, Silva *et al.* (2023) reforçam essa perspectiva ao identificarem que a autoconfiança financeira se correlaciona positivamente com práticas como poupança, controle de gastos e busca por informações. De acordo com os autores, os indivíduos que acreditam em sua capacidade financeira são mais estruturados e consistentes em seus comportamentos econômicos. Em concordância a isso, Wisniewski (2011) já havia identificado que a percepção de competência financeira se traduz em maior predisposição a explorar produtos de investimento e adotar estratégias de diversificação.

Nesse sentido, Silva *et al.* (2022) constataram que a combinação de literacia financeira com cenários de estresse simulados aumentou a confiança dos indivíduos em sua habilidade de responder a choques financeiros, demonstrando que a autoeficácia pode ser fortalecida quando o indivíduo é exposto a desafios em ambiente controlado, preparando-o para situações reais de incerteza. Ademais, Souto, Silva e Botelho (2018) enfatizam que a percepção de competência influencia não apenas a tomada de decisão em situações de pressão, mas também o nível de resiliência diante de perdas financeiras.

Xavier *et al.* (2021), por sua vez, ressaltam que fatores socioeconômicos e culturais influenciam atitudes financeiras, mas que a autoeficácia percebida atua como mediadora entre as condições externas e os comportamentos individuais. Isso significa que, ainda que indivíduos enfrentem restrições de renda ou ambientes de instabilidade, a crença na própria capacidade pode reduzir vulnerabilidades e favorecer escolhas mais conscientes. Nesse contexto, Menicucci (2023) argumenta que valores e contextos sociais podem potencializar ou enfraquecer a percepção de autoeficácia financeira, sendo, portanto, fundamental considerar os aspectos culturais e coletivos na análise do comportamento econômico.

2.2 COMPORTAMENTO FINANCEIRO

O comportamento financeiro está relacionado ao conjunto de hábitos, atitudes e práticas que os indivíduos adotam na gestão de seus recursos econômicos, refletindo diretamente em sua capacidade de equilibrar escolhas de curto e longo prazo. De acordo com Oliveira (2022), fatores como materialismo, controle, economia, planejamento e atitudes financeiras estão entre os principais determinantes desse comportamento, uma vez que práticas conscientes e prudentes

tendem a reduzir dívidas e favorecer maior estabilidade financeira. Evidenciando que o modo como o indivíduo se relaciona com o dinheiro vai além da simples renda disponível, envolve mentalidade, disciplina e organização pessoal.

Santos *et al.* (2022) analisaram o comportamento de jovens universitários em relação ao planejamento e endividamento pessoal, revelando que, embora muitos afirmem adotar práticas de planejamento, na prática existe uma lacuna entre intenção e execução, especialmente quando os resultados estão distantes. Demonstrando assim que há dificuldade em transformar conhecimento em ação, bem como o impacto da procrastinação e da baixa motivação financeira.

Nesse contexto, Fernandes *et al.* (2022) observaram mudanças nos hábitos financeiros das famílias durante a pandemia de COVID-19, destacando a maior atenção ao planejamento, à restrição de gastos e à priorização de necessidades essenciais. Tais evidências mostram como comportamentos podem se ajustar em contextos de crise.

Na visão de Marques, Takamatsu e Avelino (2023) identificaram que autocontrole, percepção temporal e propensão a poupar são variáveis fortemente associadas ao comportamento financeiro de estudantes universitários, deixando claro que a capacidade de projetar e controlar os impulsos cotidianos é uma das chaves para a construção de uma vida financeira sustentável.

Dias *et al.* (2025) analisaram a relação entre hábitos financeiros e decisões econômicas, destacando que práticas como registrar despesas, adiar compras e evitar dívidas estão associadas à disposição de sacrificar recompensas imediatas em prol de resultados futuros. Reforçando assim a ideia que hábitos simples, como anotar gastos, podem gerar grande impacto na saúde financeira ao longo do tempo.

Rodrigues e Silva (2023) apontam que indivíduos que participaram de programas de capacitação em finanças pessoais demonstraram mudanças significativas em suas práticas de consumo e poupança, indicando que o conhecimento aliado ao hábito pode gerar maior segurança nas escolhas econômicas. Além disso, Costa e Almeida (2024) destacam que comportamentos financeiros saudáveis não são apenas resultado de conhecimento técnico, mas também de fatores psicológicos como autoconfiança e percepção temporal, que influenciam diretamente na tomada de decisão.

Complementando essa perspectiva, Souza e Melo (2022) analisaram o impacto da impulsividade no comportamento financeiro e verificaram que consumidores mais impulsivos apresentam maiores dificuldades de manter reservas de emergência, o que os torna mais vulneráveis a crises. Do mesmo modo, Araújo e Santiago (2023) reforçam que a prática de planejar antecipadamente e alinhar os gastos às metas de longo prazo está associada a maior bem-estar financeiro, pois reduz a ansiedade ligada ao dinheiro e aumenta a previsibilidade sobre o orçamento doméstico. Para tanto, Lopes e Cavalcanti (2025) argumentam que o comportamento financeiro deve ser compreendido como um processo dinâmico, no qual atitudes e práticas se transformam conforme o contexto econômico, a fase da vida e até mesmo o ambiente cultural e religioso em que o indivíduo está inserido. Considerando assim que a gestão financeira pode ser adaptada de indivíduo para indivíduo, de acordo com as condições vividas por cada um.

No que tange comportamento financeiro, Garcia, Bucciol e Manfrè (2022) confirmam que a socialização financeira na infância e o autocontrole exercem um papel central na formação de hábitos de poupança. Pessoas que aprenderam sobre finanças no ambiente familiar ou escolar apresentam maior propensão a poupar quando adultas, sobretudo quando possuem altos níveis de disciplina emocional. Ao analisarem os dados do estudo realizado, concluíram que a educação financeira precoce, combinada com autocontrole, oferece bases sólidas para práticas financeiras responsáveis.

Em concordância a isso, programas de educação financeira de longa duração também têm demonstrado impacto significativo. No acompanhamento de jovens que participaram do projeto Invest in Girls, Park, Howard e Solberg (2025) identificaram que ao longo de quatro anos houve melhora não apenas no orçamento e no uso de ferramentas digitais, mas também na compreensão de tópicos mais complexos, como tributação. Isso mostra que intervenções educacionais precisam se prolongar no tempo e priorizar atividades práticas, para que as mudanças sejam duradouras.

Como afirmam Das e Banerjee (2023), outro fator determinante no comportamento financeiro é a influência das normas sociais. Quando decisões envolvem maior complexidade, indivíduos tendem a se apoiar nas escolhas de seus pares, imitando estratégias vistas em seu círculo de convívio. Esse “efeito manada” pode ser positivo ou negativo, dependendo de quais práticas são normalizadas no grupo social, conforme indicam evidências recentes sobre tomada de decisão em contextos financeiros complexos.

Kaiser *et al.* (2022) por sua vez, concorda a literacia financeira vai além do conhecimento e gera efeitos práticos. Uma meta-análise que reuniu 76 experimentos randomizados, com mais de 160 mil participantes, demonstrou que programas de educação financeira reduzem endividamento, aumentam a propensão à poupança e promovem uso mais consciente do crédito. Assim, fica claro que políticas públicas e iniciativas privadas de educação financeira são ferramentas essenciais para transformar não só o que as pessoas sabem, mas principalmente o que elas fazem no que diz respeito a gestão de suas finanças pessoais.

2.3 ESTRESSE FINANCEIRO

Como destaca o site governamental Penso, Logo Invisto (2025), a dificuldade em honrar compromissos básicos é um dos principais fatores desencadeadores do estresse financeiro. Situações como pagamentos em atraso e dívidas de alto valor são um gatilho para insegurança constante e sensação de perda de controle. Essa preocupação contínua gera não apenas ansiedade, mas também afeta a capacidade de planejamento e o desempenho em diferentes áreas da vida.

No contexto das finanças pessoais, Loiola (2014) concorda que o estresse financeiro compromete significativamente o bem-estar subjetivo das pessoas, sendo uma preocupação excessiva diante da incapacidade de encontrar soluções para os problemas financeiros. Essa definição mostra que o estresse financeiro ultrapassa o simples fato de ter dívidas ou limitações de renda, envolvendo também a percepção de impotência frente às responsabilidades financeiras. Em concordância, Richardson *et al.* (2023) descrevem o estresse financeiro como uma “síndrome psicológica” desencadeada por choques macroeconômicos, instabilidade na renda e características socioeconômicas específicas. Isso destaca que a percepção de instabilidade e a falta de liquidez são fatores determinantes para que o indivíduo experimente maior tensão financeira.

Fleury e Abdo (2022) observam que a ausência de recursos de proteção, como uma reserva de emergência, aumenta a sobrecarga emocional e contribui para a deterioração da saúde mental, ampliando o peso do estresse financeiro. Quando o indivíduo não tem dinheiro para emergências, qualquer imprevisto pode se transformar em um grande problema desde despesas médicas até a perda repentina da fonte de renda. Esse cenário cria um estado de alerta permanente, já que a pessoa se sente sempre vulnerável e sem margem de segurança.

Nesse contexto, De acordo com Ferreira e Ramos (2021), a percepção de desigualdade financeira afeta diretamente a autoestima e a satisfação pessoal, criando um sentimento de inadequação econômica. Essa comparação subjetiva, ainda que não represente uma condição real de carência, impacta o bem-estar financeiro e pode levar à adoção de comportamentos de

consumo compensatórios, aumentando o endividamento e, conseqüentemente, o nível de tensão emocional.

Segundo Oliveira e Costa (2022), o comprometimento da renda com dívidas gera sensação de aprisionamento financeiro, os indivíduos endividados tendem a apresentar níveis mais altos de estresse e sintomas de ansiedade, pois enfrentam uma constante preocupação com a impossibilidade de quitar obrigações e manter o equilíbrio orçamentário. Essa sobrecarga financeira reduz o espaço para lazer, poupança e planejamento, tornando o cotidiano permeado por sentimentos de impotência e frustração.

Ademais, Neri (2023) afirma que o estresse financeiro também se manifesta em situações que o indivíduo precisa recorrer a familiares para cobrir despesas imprevistas, de forma que tende a afetar as relações interpessoais, pois o endividamento pessoal assume um caráter emocional e social, gerando vergonha e sensação de dependência. A falta de autonomia financeira, portanto, ultrapassa o campo econômico e se transforma em um fator de desgaste psicológico e relacional.

Conforme argumentam Almeida e Lopes (2020), o desequilíbrio entre o desejo de participar de eventos sociais e a limitação de recursos disponíveis contribui para o aumento do estresse, especialmente quando há pressão social para manter determinado padrão de consumo. Assim, o estresse financeiro deve ser compreendido não apenas como uma reação emocional à escassez de recursos, mas como uma resposta complexa a contextos econômicos, culturais e comportamentais que afetam diretamente a qualidade de vida e o bem-estar psicológico.

2.4 ESTUDOS ANTERIORES

Nesta seção são apresentados estudos sobre a autoeficácia percebida, comportamento financeiro e estresse financeiro, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1: Estudos anteriores

Autor (Ano)	Objetivo	Resultados
Fleury e Abdo (2022)	Investigar os estressores financeiros e como estes comprometem a saúde mental e sexual das pessoas.	O estudo verificou que há associação entre estresse financeiro e comprometimento da saúde mental e sexual — ou seja, quanto maiores os estressores financeiros, maior é o impacto negativo na saúde mental (ansiedade, estresse, possivelmente depressão) e sexual.
Garcia, Bucciol e Manfrè (2022)	Avaliar como a socialização financeira (isto é, exposição a conceitos financeiros) e o autocontrole influenciam hábitos de poupança.	Encontrou que tanto socialização financeira precoce como autocontrole têm efeito positivo nos hábitos de poupar. Entretanto, o grau desse efeito varia dependendo do tipo de produto financeiro considerado.
Das e Banerjee (2023)	Verificar se decisões financeiras mais complexas levam os indivíduos a depender mais das escolhas de seus pares (peer effects), especialmente em um experimento em que os	Foi observado que, quando a situação financeira é mais complexa, há maior tendência de revisar a própria decisão depois de ver a decisão de um par. Ou seja: em condições de maior complexidade, os efeitos de influência social aumentam.

	sujeitos tomam uma decisão financeira.	
Park <i>et al.</i> (2025)	Estudar longitudinalmente o desenvolvimento de literacia financeira em mulheres jovens que participaram do programa Invest in Girls, analisando como evoluem conhecimentos, comportamentos e habilidades financeiras.	Os resultados mostraram evolução clara: competências básicas as fases iniciais; com o tempo foram surgindo habilidades mais complexas, uso de ferramentas digitais, refinamento no uso de crédito, reconhecimento de lacunas em educação sobre impostos

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Nessa perspectiva, é possível compreender que já existem estudos anteriores que demonstram a relação entre autoeficácia percebida, comportamento financeiro e estresse financeiro. Bailey *et al.* (2022) evidenciam que a autoeficácia financeira está diretamente associada a menores níveis de estresse e maior sensação de segurança econômica, uma vez que indivíduos com elevada percepção de controle sobre suas finanças adotam comportamentos mais positivos e planejados, refletindo em melhores resultados financeiros. Assim, torna-se essencial desenvolver estratégias de educação financeira que fortaleçam a autoconfiança dos indivíduos na gestão dos próprios recursos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva, uma vez que busca descrever as características de cristãos católicos e evangélicos que contribuem com o dízimo e as ofertas nas igrejas que frequentam. De acordo com Gil (2010), pesquisas descritivas têm como finalidade observar, registrar e analisar fenômenos sem a interferência direta do pesquisador, permitindo identificar padrões e tendências dentro de uma população específica. Nesse contexto, observou-se compreender como os cristãos das igrejas católicas e evangélicas da cidade de Mossoró-RN lidam com suas finanças pessoais e quais estratégias de planejamento financeiro de médio e longo prazo são utilizadas no dia a dia.

Quanto à abordagem metodológica, trata-se de uma pesquisa quantitativa, uma vez que, conforme Fonseca (2002), esse tipo de estudo se fundamenta na quantificação dos dados, possibilitando mensurar variáveis, aplicar técnicas estatísticas e interpretar os resultados de maneira objetiva. A escolha pela abordagem quantitativa justifica-se pela intenção de traduzir em números as percepções, atitudes e práticas financeiras relacionadas ao comportamento dos participantes, permitindo identificar relações entre fé, contribuições religiosas e finanças pessoais.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa utilizou o método de levantamento (survey), considerado por Babbie (2001) como adequado para coletar informações diretamente de um grupo-alvo a partir da aplicação de questionários estruturados. O instrumento de coleta foi um questionário elaborado e aplicado por meio da plataforma Google Formulários, composto por 37 questões fechadas com base em Donadio (2014), organizadas em quatro blocos sendo o primeiro as caracterizações dos respondentes e os demais, correspondentes respectivamente às variáveis centrais do estudo, sendo elas autoeficácia percebida, comportamento financeiro e estresse financeiro.

A divulgação do questionário ocorreu de forma online, por meio de redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, como Instagram e WhatsApp. A participação foi voluntária, restrita a maiores de 25 anos que frequentam regularmente atividades religiosas na igreja evangélica abençoando as nações na cidade de Mossoró, que possui 80 pessoas cadastradas como dizimistas e ofertantes, e na igreja católica central de Mossoró, que possui 120 pessoas no cadastro de dizimistas. Foi obtido a quantidade total de 75 respostas, sendo 38 respostas dos cristãos evangélicos e 37 dos cristãos católicos.

A pesquisa também é classificada como transversal, pois a coleta de dados foi realizada em um único momento, oferecendo um retrato pontual da realidade investigada. Conforme Lakatos e Marconi (2003), estudos transversais são úteis para compreender situações específicas em determinado contexto temporal, especialmente em pesquisas sociais e comportamentais.

Quanto ao tratamento de dados foi utilizado o EXCEL versão 2019 para formulação de tabela, tendo em vista que a estatística foi descritiva, com o uso de tabelas de frequência relativa e absoluta, para assim identificar padrões recorrentes, comparar perfis de respondentes e interpretar de maneira clara e objetiva as práticas financeiras observadas. Com isso, foi possível fornecer subsídios para reflexões sobre a necessidade da educação financeira no contexto religioso e familiar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção são apresentados os resultados e as discussões sobre o impacto da autoeficácia percebida no comportamento financeiro e nos níveis de estresse financeiro dos cristãos católicos e evangélicos. A análise está estruturada em três partes: o perfil dos respondentes, as relações entre autoeficácia percebida, comportamento financeiro, e o estresse financeiro.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

As informações apresentadas a seguir na Tabela 1 trazem dados referente à caracterização sociodemográfica dos respondentes, essas variáveis como igreja a qual frequenta, gênero, idade, estado civil, nível de escolaridade e renda familiar. faixa etária, estado civil, nível de escolaridade, tipo de moradia, pessoas são fundamentais para compreender o perfil dos participantes e auxiliar na contextualização da análise dos dados.

Tabela 1: Caracterização dos respondentes

Igreja	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Católica	37	49,3%
Evangélica	38	50,7%
Gênero	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Feminino	50	66,7%
Masculino	25	33,3%
Faixa etária	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Entre 25 e 30 anos	28	37,3%
Entre 30 e 35 anos	20	26,7%

Entre 35 e 40 anos	12	16%
Acima de 40 anos	15	20%
Estado civil	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Solteiro (a)	20	26,7%
União estável	4	5,3%
Casado (a)	48	64%
Divorciado (a)	0	0,5%
Viúvo (a)	3	4%
Nível de escolaridade	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Analfabeto/Fundamental incompleto	0	0%
Fundamental completo	2	2,7%
Ensino médio incompleto	10	13,3%
Ensino médio completo/Superior	54	72%
Pós graduação/Outros	9	12%
Renda familiar mensal	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Até 1 salário mínimo	7	9,3%
Entre 1 e 2 salários mínimos	32	42,7%
Entre 2 e 3 salários mínimos	27	36%
Entre 3 e 4 salários mínimos	8	10,7%
Entre 4 e 5 salários mínimos	0	0%
Acima de 5 salários mínimos	1	1,3%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Os resultados da Tabela 1 indicam que a maioria dos participantes pertencem à igreja evangélica (50,7%), enquanto 49,3% são católicos, evidenciando uma amostra equilibrada entre as duas denominações cristãs. Em relação ao gênero, observa-se predominância feminina (66,7%), o que demonstra maior participação das mulheres na pesquisa.

Quanto à faixa etária, nota-se que o grupo mais expressivo se concentra entre 25 e 30 anos (37,3%). No que se refere ao estado civil, verifica-se que a maior parte dos respondentes são pessoas casadas (64%). Em relação ao nível de escolaridade, prevalecem os participantes com ensino médio completo ou nível superior (72%), apontando para um público com boa formação educacional. No tocante à renda familiar mensal, destaca-se o grupo com rendimentos entre um e dois salários mínimos (42,7%), seguido pelos que recebem de dois a três salários mínimos (36%).

4.2 AUTOEFICACIA PERCEBIDA

Esta subseção tem como objetivo analisar de forma comparativa a percepção dos participantes quanto à sua capacidade de lidar com situações financeiras, tomando como base os indicadores de autoeficácia percebida apresentados na Tabela 2.

Tabela 2: Autoeficácia percebida

	Igreja	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Com esforço, consigo dar um jeito de resolver meus problemas financeiros			
Discordo totalmente	Católica	0	0,00%
	Evangélica	1	2,63%
Discordo parcialmente	Católica	2	5,41%
	Evangélica	7	18,42%
Neutro	Católica	1	2,70%
	Evangélica	1	2,63%
Concordo parcialmente	Católica	24	64,86%
	Evangélica	15	39,47%
Concordo totalmente	Católica	10	27,03%
	Evangélica	14	36,84%
Independente da minha situação financeira, persisto na realização dos meus objetivos			
Discordo totalmente	Católica	1	2,70%
	Evangélica	4	10,53%
Discordo parcialmente	Católica	9	24,32%
	Evangélica	6	15,79%
Neutro	Católica	3	8,11%
	Evangélica	4	10,53%
Concordo parcialmente	Católica	16	43,24%
	Evangélica	17	44,74%
Concordo totalmente	Católica	8	21,62%
	Evangélica	7	18,42%
Tenho confiança para lidar com eventos financeiros inesperados			
Discordo totalmente	Católica	1	2,70%
	Evangélica	6	15,79%
Discordo parcialmente	Católica	4	10,81%
	Evangélica	4	10,53%
Neutro	Católica	1	2,70%
	Evangélica	4	10,53%
Concordo parcialmente	Católica	20	54,05%
	Evangélica	14	36,84%
Concordo totalmente	Católica	11	29,73%
	Evangélica	10	26,32%
De acordo com a minha desenvoltura, sei lidar com imprevistos financeiros			
Discordo totalmente	Católica	2	5,41%
	Evangélica	1	2,63%
Discordo parcialmente	Católica	4	10,81%

Neutro	Evangélica	3	7,89%
	Católica	1	2,70%
Concordo parcialmente	Evangélica	5	13,16%
	Católica	13	35,14%
Concordo totalmente	Evangélica	16	42,11%
	Católica	17	45,95%
	Evangélica	13	34,21%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Na análise da Tabela 2, observa-se que tanto os católicos quanto os evangélicos demonstram níveis elevados de autoeficácia percebida, embora com variações diferentes entre os grupos. No primeiro item, que se refere a soluções aos problemas financeiros identifica-se uma maior convicção entre os católicos, visto que 91,89% deles afirmaram concordar parcial ou totalmente, enquanto entre os evangélicos esse percentual foi de 76,31%. Indicando que os católicos demonstram maior crença na própria capacidade de solucionar dificuldades financeiras, possivelmente refletindo um senso de controle mais consolidado sobre suas decisões. Essa autoconfiança está em consonância com a definição de Bandura (1997), segundo a qual a autoeficácia representa a crença do indivíduo em sua capacidade de organizar e executar ações necessárias para alcançar resultados desejados, mesmo diante de obstáculos.

Já os evangélicos, embora também apresentem níveis positivos de autoeficácia, mostraram maior presença de respostas neutras ou de discordância parcial, sugerindo que parte desse grupo tende a perceber as questões financeiras como mais desafiadoras ou dependentes de fatores externos.

Em relação a persistência de realização dos objetivos, mencionado no segundo item, é possível identificar um maior equilíbrio entre os dois grupos. Entre os católicos, 64,86% afirmaram concordar parcial ou totalmente, enquanto entre os evangélicos o percentual foi de 63,16%. Ambos os grupos demonstram persistência na busca de metas financeiras mesmo diante de limitações, o que indica uma crença compartilhada na importância do esforço contínuo. Esse resultado reforça a argumentação de Carvalho, Fonseca e Almeida (2020), de que a persistência aliada à autoconfiança financeira permite traçar planos mais realistas e sustentáveis, mesmo em contextos de incerteza econômica. Assim, tanto católicos quanto evangélicos parecem associar fé e disciplina financeira, entendendo que a constância é essencial para o alcance de estabilidade.

No tocante ao terceiro item, que afirma a confiança para lidar com eventos financeiros inesperados, dados apontam uma diferença mais expressiva. onde 83,78% dos católicos concordam parcial ou totalmente com a afirmação, enquanto entre os evangélicos esse percentual cai para 63,16%. Tal resultado sugere que os católicos se sentem mais preparados para enfrentar situações imprevistas, o que pode estar associado a uma percepção mais consolidada de organização e controle financeiro. Esse comportamento encontra respaldo em Pabis e Silva (2024), que destacam que indivíduos com maior alfabetização financeira e autoconfiança tendem a agir de forma mais segura diante de imprevistos, mantendo equilíbrio emocional e financeiro. Além disso, Nuintin *et al.* (2024) apontam que o acesso à educação financeira e o desenvolvimento da autoeficácia reduzem a ansiedade em contextos de instabilidade, o que pode explicar a postura mais confiante observada entre os católicos.

Ademais, o quarto item questiona sobre a confiança na própria desenvoltura para lidar com imprevistos financeiros o qual os resultados voltam a indicar maior autoconfiança entre os católicos, com 81,09% do público afirmando concordar parcial ou totalmente, e 76,32% dos

evangélicos afirmando o mesmo. Embora ambos os grupos revelem percepção positiva sobre sua competência financeira, os católicos parecem demonstrar maior convicção de domínio pessoal sobre as finanças, enquanto os evangélicos apresentam respostas mais distribuídas, o que pode indicar uma relação mais prudente ou cautelosa diante de situações de risco. Essa diferença reflete o que Menicucci 2023 descreve como a associação entre confiança nas próprias habilidades e decisões mais conscientes, indicando que a autoeficácia funciona como um fator de proteção frente a comportamentos impulsivos. Da mesma forma, da Silva *et al.* (2023) afirmam que indivíduos que acreditam em sua capacidade financeira são mais consistentes em seus comportamentos econômicos e menos vulneráveis a imprevistos.

4.3 COMPORTAMENTO FINANCEIRO

Esta subseção tem como objetivo analisar de forma comparativa os hábitos de planejamento, controle e disciplina nas decisões relacionadas ao uso do dinheiro, tendo como base os indicadores de comportamento financeiro apresentados na Tabela 3.

Tabela 3: Comportamento financeiro

	Igreja	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Planejo como as coisas deveriam ser no futuro e tento influenciá-las com meu comportamento diariamente			
Discordo totalmente	Católica	2	5,41%
	Evangélica	2	5,26%
Discordo parcialmente	Católica	9	24,32%
	Evangélica	4	10,53%
Neutro	Católica	1	2,70%
	Evangélica	3	7,89%
Concordo parcialmente	Católica	14	37,84%
	Evangélica	19	50,00%
Concordo totalmente	Católica	11	29,73%
	Evangélica	10	26,32%
Frequentemente, me dedico a um comportamento, com a intenção de conseguir resultados que podem acontecer apenas daqui a vários anos.			
Discordo totalmente	Católica	7	18,92%
	Evangélica	3	7,89%
Discordo parcialmente	Católica	7	18,92%
	Evangélica	9	23,68%
Neutro	Católica	4	10,81%
	Evangélica	5	13,16%
Concordo parcialmente	Católica	14	37,84%
	Evangélica	13	34,21%
Concordo totalmente	Católica	5	13,51%
	Evangélica	8	21,05%
Me comporito levando em conta apenas os resultados imediatos das minhas ações			

diárias ou semanais.			
Discordo totalmente	Católica	13	35,14%
	Evangélica	7	18,42
Discordo parcialmente	Católica	11	29,73%
	Evangélica	5	13,16%
Neutro	Católica	3	8,11%
	Evangélica	7	18,42%
Concordo parcialmente	Católica	6	16,22%
	Evangélica	14	36,84%
Concordo totalmente	Católica	4	10,81%
	Evangélica	5	13,16%
Geralmente ignoro os alertas sobre possíveis problemas futuros, pois acredito que se resolverão antes que possam se tornar motivo de estresse excessivo.			
Discordo totalmente	Católica	15	40,54%
	Evangélica	11	28,95%
Discordo parcialmente	Católica	7	18,92%
	Evangélica	9	23,68%
Neutro	Católica	7	18,92%
	Evangélica	2	5,26%
Concordo parcialmente	Católica	6	16,22%
	Evangélica	13	34,21%
Concordo totalmente	Católica	2	5,41%
	Evangélica	3	7,89%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Observa-se na Tabela 3 que tanto os católicos quanto os evangélicos apresentam práticas financeiras relativamente conscientes, ainda que com variações significativas em determinados aspectos. No primeiro item, que aborda o planejamento futuro e a tentativa de influenciar os resultados financeiros por meio de comportamentos diários, identifica-se que 67,57% dos católicos e 76,32% dos evangélicos afirmaram concordar parcial ou totalmente com a afirmação. Esse resultado demonstra que, embora ambos os grupos revelem atitudes de planejamento, os evangélicos apresentam maior engajamento em práticas de organização financeira cotidiana, o que pode estar relacionado a um senso mais objetivo na condução das finanças pessoais. Conforme Oliveira (2022), comportamentos de planejamento e controle estão entre os principais determinantes da estabilidade econômica, uma vez que práticas conscientes reduzem o risco de endividamento e favorecem o equilíbrio financeiro.

No segundo item, referente à dedicação a comportamentos voltados para resultados de longo prazo, observa-se que 51,35% dos católicos e 55,26% dos evangélicos concordaram parcial ou totalmente, indicando mais uma vez uma leve vantagem entre os evangélicos no que se refere à visão futura das finanças. Esse dado reforça o apontado por Marques, Takamatsu e Avelino (2023), de que a propensão a poupar e o autocontrole estão fortemente associados ao comportamento financeiro sustentável. Assim, ambos os grupos demonstram uma percepção positiva quanto à importância de manter constância e disciplina, ainda que em níveis moderados.

Em contrapartida, quando analisado o item que questiona se o indivíduo se comporta levando em conta apenas resultados imediatos, percebe-se que 64,87% dos católicos discordam parcial ou totalmente, enquanto entre os evangélicos esse percentual é de apenas 31,58%. Isso sugere que os católicos apresentam maior tendência a evitar decisões impulsivas, prezando pelo equilíbrio e pela paciência nas decisões econômicas, ao passo que os evangélicos mostram maior presença de atitudes voltadas para recompensas de curto prazo. Tal diferença pode estar relacionada ao que Souza e Melo (2022) denominam como impacto da impulsividade no comportamento financeiro, em que indivíduos com maior controle emocional e visão de longo prazo tendem a apresentar maior estabilidade e menor vulnerabilidade às crises.

No último item, que trata da negligência diante de possíveis problemas futuros, os dados revelam que 59,46% dos católicos discordam total ou parcialmente da afirmação, ao passo que entre os evangélicos esse percentual cai para 52,63%. Isso reforça a ideia de que os católicos, em sua maioria, demonstram maior atenção e prudência no trato com as finanças, enquanto os evangélicos apresentam respostas mais distribuídas, o que pode indicar certa confiança em fatores externos, como fé ou providência divina, na resolução de dificuldades. Nesse sentido, Lopes e Cavalcanti (2025) afirmam que o comportamento financeiro é influenciado por fatores culturais e religiosos, de modo que crenças e valores podem moldar atitudes diante do dinheiro.

Desse modo, ao considerar os resultados de forma geral, nota-se que ambos os grupos possuem comportamentos financeiros positivos, mas com algumas diferenças, os católicos apresentam perfil mais conservador e preventivo, enquanto os evangélicos demonstram maior proatividade e foco em metas de longo prazo. Essa diferenciação reforça o argumento de Costa e Almeida (2024), segundo o qual os comportamentos financeiros são resultado não apenas do conhecimento técnico, mas também de fatores psicológicos e contextuais que orientam as decisões individuais.

4.4 ESTRESSE FINANCEIRO

Esta subseção tem como objetivo analisar de forma comparativa a percepção do público participante em relação ao estresse financeiro, a partir dos indicadores apresentados na Tabela 4.

Tabela 4: Estresse financeiro

	Igreja	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Não ter dinheiro para emergências (em conta poupança ou outros investimentos)			
Discordo totalmente	Católica	1	2,70%
	Evangélica	8	21,05%
Discordo parcialmente	Católica	2	5,41%
	Evangélica	11	28,95%
Neutro	Católica	6	16,22%
	Evangélica	0	0,00%
Concordo parcialmente	Católica	8	21,62%
	Evangélica	7	18,42%
Concordo totalmente	Católica	20	54,05%
	Evangélica	12	31,58%

Não ter emprego fixo ou recebimentos financeiros previsíveis			
Discordo totalmente	Católica	4	10,81%
	Evangélica	11	28,95%
Discordo parcialmente	Católica	3	8,11%
	Evangélica	6	15,79%
Neutro	Católica	21	56,76%
	Evangélica	2	5,26%
Concordo parcialmente	Católica	2	5,41%
	Evangélica	8	21,05%
Concordo totalmente	Católica	4	10,81%
	Evangélica	11	28,95%
Ter dívidas de alto valor			
Discordo totalmente	Católica	4	10,81%
	Evangélica	9	23,68%
Discordo parcialmente	Católica	4	10,81%
	Evangélica	4	10,53%
Neutro	Católica	10	27,03%
	Evangélica	2	5,26%
Concordo parcialmente	Católica	5	13,51%
	Evangélica	8	21,05%
Concordo totalmente	Católica	14	37,84%
	Evangélica	15	39,47%
Não ganhar o suficiente para cobrir despesas inesperadas			
Discordo totalmente	Católica	2	5,41%
	Evangélica	9	23,68%
Discordo parcialmente	Católica	2	5,41%
	Evangélica	13	34,21%
Neutro	Católica	3	8,11%
	Evangélica	2	5,26%
Concordo parcialmente	Católica	7	18,92%
	Evangélica	4	10,53%
Concordo totalmente	Católica	23	62,16%
	Evangélica	10	26,32%
Empréstimos com altas taxas de juros			
Discordo totalmente	Católica	5	13,51%
	Evangélica	13	34,21%
Discordo parcialmente	Católica	1	2,70%
	Evangélica	6	15,79%
Neutro	Católica	14	37,84%
	Evangélica	3	7,89%
Concordo parcialmente	Católica	5	13,51%

	Evangélica	5	13,16%
Concordo totalmente	Católica	12	32,43%
	Evangélica	11	28,95%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Com base na Tabela 4, observa-se que o estresse financeiro se manifesta de maneira distinta entre católicos e evangélicos, refletindo percepções e condições financeiras específicas de cada grupo. No primeiro item, relacionado à ausência de dinheiro para emergências, 75,67% dos católicos afirmaram concordar parcial ou totalmente com a afirmação, enquanto entre os evangélicos esse percentual foi de 50%. Essa diferença evidencia maior vulnerabilidade financeira entre os católicos, que parecem apresentar menor capacidade de poupança e reserva de emergência. De acordo com Fleury e Abdo (2022), a falta de recursos de proteção, como uma reserva financeira, amplia o peso emocional do estresse e compromete o bem-estar psicológico, uma vez que qualquer imprevisto pode se tornar motivo de ansiedade e tensão.

Em relação à instabilidade de renda, observou-se que 73% dos evangélicos discordaram total ou parcialmente da afirmação de não possuir rendimentos fixos, contra apenas 18,92% dos católicos. Essa diferença sugere que os evangélicos possuem maior estabilidade financeira, o que pode justificar seus níveis ligeiramente menores de estresse. Segundo Oliveira e Costa (2022), a previsibilidade da renda é um fator decisivo para reduzir a sensação de aprisionamento financeiro, sendo a falta dessa segurança uma das principais fontes de ansiedade econômica.

No item que trata da existência de dívidas de alto valor, tanto católicos (51,35%) quanto evangélicos (60,52%) afirmaram concordar parcial ou totalmente, revelando que ambos os grupos convivem com certo nível de endividamento. Esse resultado corrobora o apontado por Ferreira e Ramos (2021), que associam a percepção de desigualdade e a pressão social de consumo ao aumento da tensão financeira. Para esses autores, a comparação com outros indivíduos e a busca por manter determinado padrão econômico elevam o risco de endividamento e, conseqüentemente, o estresse financeiro.

Já no que se refere à insuficiência de renda para cobrir despesas inesperadas, 81,08% dos católicos afirmaram concordar parcial ou totalmente com a afirmação, enquanto entre os evangélicos esse índice foi de 36,85%. Essa disparidade demonstra uma condição mais frágil entre os católicos, que aparentam enfrentar maior dificuldade para administrar emergências. De acordo com Loiola (2014), o estresse financeiro vai além da falta de recursos, envolvendo também a percepção de impotência diante das obrigações financeiras, o que explica o sentimento de insegurança predominante entre esse grupo.

Por fim, no item sobre empréstimos com altas taxas de juros, 45,94% dos católicos concordaram parcial ou totalmente, contra 42,11% dos evangélicos. Embora os percentuais sejam próximos, observa-se novamente uma tendência dos católicos a apresentarem maiores índices de endividamento e vulnerabilidade. Como destacam Almeida e Lopes (2020), o desequilíbrio entre desejo de consumo e limitação de recursos gera frustração e ansiedade, reforçando a conexão entre finanças e saúde mental.

Dessa forma, os resultados indicam que o estresse financeiro é mais pronunciado entre os católicos, que revelam maiores dificuldades em manter reservas e lidar com imprevistos, enquanto os evangélicos demonstram melhor estabilidade e menor percepção de risco. Corroborando com o argumento de Richardson *et al.* (2023), segundo o qual o estresse financeiro resulta de uma interação complexa entre fatores econômicos, emocionais e comportamentais, afetando diretamente o bem-estar e a qualidade de vida. Assim, fica evidente que a autoconfiança e a estabilidade financeira, observadas com maior frequência entre os evangélicos, funcionam como mecanismos protetivos contra os efeitos psicológicos do estresse financeiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral analisar a relação entre a autoeficácia percebida, o comportamento financeiro e o estresse financeiro de cristãos, comparando as percepções entre católicos e evangélicos. A partir dos resultados obtidos por meio da aplicação de questionários, foi possível identificar algumas diferenças entre os grupos quanto à forma de lidar com as finanças pessoais, os católicos demonstraram maior confiança em sua capacidade de resolver questões econômicas e lidar com imprevistos, enquanto os evangélicos se destacaram por uma postura mais disciplinada, orientada ao planejamento e aos resultados de longo prazo. No que diz respeito ao estresse financeiro, verificou-se maior vulnerabilidade entre os católicos, especialmente em virtude da menor estabilidade de renda e da ausência de reservas financeiras, ao passo que os evangélicos revelaram maior sensação de controle e segurança sobre suas finanças pessoais.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui ao ampliar as discussões sobre a relação entre religiosidade, autoeficácia e comportamento financeiro, integrando perspectivas da psicologia social e das finanças comportamentais. Essa abordagem colabora com a literatura sobre o papel das crenças pessoais no processo de tomada de decisão financeira, complementando estudos anteriores que tratam da influência de fatores cognitivos e emocionais sobre o consumo, o endividamento e o bem-estar financeiro.

No âmbito prático, observa-se que a disciplina e o comprometimento dos fiéis podem ser aproveitados como base para o fortalecimento de práticas financeiras mais conscientes. Dessa forma, as igrejas poderiam atuar como espaços de orientação e incentivo à educação financeira, utilizando princípios e ensinamentos bíblicos que tratam da boa administração dos recursos, da prudência e do planejamento. Essa integração entre fé e finanças favorece a construção de comportamentos mais equilibrados, contribuindo para reduzir o estresse financeiro e promover maior estabilidade econômica entre os fiéis.

Sob a perspectiva social, este estudo destaca a relevância da promoção do bem-estar financeiro como parte do desenvolvimento humano e espiritual. Ao revelar como a fé e a percepção de autoeficácia influenciam o comportamento e o estresse financeiro, a pesquisa contribui para reflexões sobre a necessidade de políticas públicas e programas educativos que favoreçam a construção de hábitos financeiros saudáveis e a redução das desigualdades no acesso à educação financeira.

Entretanto, apesar das contribuições alcançadas, esta pesquisa apresenta algumas limitações, especialmente em relação ao tamanho da amostra, composta por 75 participantes. Essa quantidade foi condicionada à disponibilidade dos cristãos em responder ao questionário, o que restringe a amplitude dos resultados e poderia ser ampliado em estudos futuros para fortalecer a representatividade da análise. Além disso, o estudo concentrou-se em um público específico, sendo católicos e evangélicos pertencentes, respectivamente, à igreja católica central e à igreja evangélica abençoando as nações, ambas localizadas na cidade de Mossoró, não abrangendo outras denominações religiosas que poderiam contribuir para um debate mais abrangente e diversificado sobre o tema.

Dessa forma, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o público participante, contemplando diferentes contextos religiosos e regionais, bem como adotem abordagens qualitativa ou mistas que possibilitem a comparação estatística entre os grupos. Estudos futuros também podem explorar a influência de variáveis sociodemográficas, como renda, gênero e escolaridade, sobre a relação entre autoeficácia e comportamento financeiro. Tais iniciativas podem colaborar para o fortalecimento da educação financeira em diferentes segmentos da sociedade.

REFERÊNCIAS

BABBIE, E. **The Practice of Social Research**. Wadsworth, 2001. E-book Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=IFvjDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Babbie,+E.+\(2001\).+The+Practice+of+Social+Research.+Wadsworth.&ots=I4AW3F5TSc&sig=iPMEoahMSg3PkxDdv7zQzfRd6xQ#v=onepage&q=Babbie%2C%20E.%20\(2001\).%20The%20Practice%20of%20Social%20Research.%20Wadsworth.&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=IFvjDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Babbie,+E.+(2001).+The+Practice+of+Social+Research.+Wadsworth.&ots=I4AW3F5TSc&sig=iPMEoahMSg3PkxDdv7zQzfRd6xQ#v=onepage&q=Babbie%2C%20E.%20(2001).%20The%20Practice%20of%20Social%20Research.%20Wadsworth.&f=false). Acesso em: 10 maio 2025.

BANERJEE, P.; DAS, T. Peer Effects on Complex Financial Decisions. **Available at SSRN 4557501**, 2023. Disponível em:

https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=4557501. Acesso em: 10 set. 2025.

BARRETO, K.; COSTA, D. Gestão financeira pessoal: como potencializador para o controle de finanças. **E-Acadêmica**, v. 3, n. 3, p. e5333351-e5333351, 2022. Disponível em:

<https://eacademica.org/eacademica/article/view/351>. Acesso em: 05 set. 2025.

BOTO-GARCÍA, D., BUCCIOL, A., MANFRÈ, M. The role of financial socialization and self-control on saving habits. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, v. 100, p. 101903, 2022. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2214804322000775>. Acesso em: 10 set. 2025.

CATTANI, D. *et al.* Análise do comportamento financeiro do jovem universitário frente ao planejamento e endividamento pessoal. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 14, n. 3, p. 221-248, 2021. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/EeN/article/view/9982>. Acesso em: 15 set. 2025.

DIAS, B. *et al.* HÁBITOS FINANCEIROS E DECISÕES ECONÔMICAS: Uma Análise das Percepções dos Estudantes de Ciências Contábeis. **Revista UNEMAT de Contabilidade**, v. 14, n. 27, p. 84-102, 2025. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/ruc/article/view/13445>. Acesso em: 15 set. 2025.

DONADIO, R. **Educação financeira de estudantes universitários: uma análise dos fatores de influência**. 2014. 148 f. Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014. Disponível em:

<https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/999>. Acesso em: 10 set. 2025.

DORNELAS, A.; NASCIMENTO, C.; RANGEL, D. FINANÇAS PESSOAIS: ESTUDO SOBRE PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL E SEU IMPACTO NA CRISE DA COVID 19. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 7, n. 1, 2021. Disponível em: <https://reinpec.cc/index.php/reinpec/article/view/795>. Acesso em: 05 set. 2025.

FERNANDES, L. *et al.* Finanças comportamentais: mudanças nos hábitos de consumo das famílias paraibanas em tempos de COVID. **Razão Contábil e Finanças**, v. 12, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/razao-contabeis-e-financas/article/view/247>. Acesso em: 15 set. 2025.

FONSECA, J. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=oB5x2SChpSEC&oi=fnd&pg=PA4&dq=Fonseca,+J.+J.+S.+\(2002\).+Metodologia+da+pesquisa+cient%3%ADfica.+Fortaleza:+UEC.&ots=OSS_3xbrh-&sig=_28VXb6FJYKDS-UR1QrfC5xcd6g#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=oB5x2SChpSEC&oi=fnd&pg=PA4&dq=Fonseca,+J.+J.+S.+(2002).+Metodologia+da+pesquisa+cient%3%ADfica.+Fortaleza:+UEC.&ots=OSS_3xbrh-&sig=_28VXb6FJYKDS-UR1QrfC5xcd6g#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 10 maio 2025.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31031805/9482_lista_de_revisao_1%C2%BA_bimestre_com_respostas_direito-libre.pdf?1392222127. Acesso em: 10 maio 2025.

KAISER *et al.* A systematic review and meta-analysis of the impact of cash transfers on subjective well-being and mental health in low-and middle-income countries. **Nature Human Behaviour**, v. 6, n. 3, p. 359-370, 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41562-021-01252-z>. Acesso em: 15 set. 2025.

KOSMINSKY, M.; NASCIMENTO, M.; OLIVEIRA, G. Financial stress and pain, what follows an economic crisis? Integrative review. **BrJP**, v. 3, n. 3, p. 280-284, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/Hz736wkyScqhfVnVLVGctKjJ/?lang=en>. Acesso em: 05 set. 2025.

LAKATOS, E; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://ia804601.us.archive.org/7/items/Fundamentos_de_metodologia_cientfica_8._ed._-www.meulivro.biz/Fundamentos_de_metodologia_cientfica_8._ed._-www.meulivro.biz.pdf. Acesso em: 10 maio. 2025

LOIOLA, L. D. P. **O estresse financeiro em dois grupos de profissionais brasileiros**. 2014. Dissertação de mestrado, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/leandro_de_paula_loiola.pdf. Acesso em: 10 mar. 2025.

MARQUES, M.; TAKAMATSU, R.; AVELINO, B. Finanças pessoais: uma análise do comportamento de estudantes de ciências contábeis. **Race: revista de administração, contabilidade e economia**, v. 17, n. 3, p. 819-840, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6759399>. Acesso em: 15 set. 2025.

MARTINS, E. *et al.* **Contabilidade financeira e previdência privada**: uma opção de investimento rentável para o futuro. 2023. Disponível em: <http://ric-cps.eastus2.cloudapp.azure.com/handle/123456789/17799>. Acesso em: 12 abril 2025.

MEDEIROS, B. *et al.* **Práticas de educação financeira no âmbito das organizações do trabalho**: um estudo bibliométrico. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30882>. Acesso em: 05 abr. 2025.

MENECUCCI, F. **Neoliberalismo, consumismo e Educação Financeira: reflexões de cidadãos-professores-estudantes de pós-graduação em Educação Matemática**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/c362c7a8-b0ef-4b66-b4a7-1d401bdf8e1>. Acesso em: 05 abr. 2025.

NUINTIN, A. *et al.* P. R. R. de. Finanças pessoais e qualidade de vida: estudo sobre a situação dos servidores técnico-administrativos de uma IFES. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 15, n. 11, p. e4499, 2024. DOI: 10.7769/gesec.v15i11.4499. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4499>. Acesso em: 15 set. 2025.

PABIS, M.; SILVA, A. Determinantes do nível de alfabetização financeira no contexto universitário. **REUNIR Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade**, v. 14, n. 3, p. 114-132, 2024. Disponível em: <https://reunir.revistas.ufcg.edu.br/index.php/uacc/article/view/1440>. Acesso em: 15 set. 2025.

SERRA, L. *et al.* O viés da autoeficácia na decisão sobre finanças pessoais. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, p. e56911220368-e56911220368, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20368>. Acesso em: 05 set. 2025.

SILVA, N. *et al.* Financial wellbeing: mapping the determining factors. **Brazilian Journal of Production Engineering**, v. 10, n. 4, p. 284-300, 2024. Disponível em: <https://hal.science/hal-04849466/>. Acesso em: 05 set. 2025.

SILVA, L. **A educação financeira e suas contribuições no planejamento familiar dos alunos da escola estadual de ensino médio Antônio Brasil em Tomé Açu/PA**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura plena em matemática) – Universidade Federal do Pará, Tomé-Açu/PA, 2021. Disponível em: https://www.bdm.ufpa.br/bitstream/prefix/5275/1/TCC_EducacaoFinanceiraContribuicoes.pdf. Acesso em: 24 mar. 2025.

SOARES, F.; GARCIA, M.; COSTA, C. Evidências dos impactos de um maior nível de Educação Financeira na vida das pessoas. **Revista Educação Matemática em Foco**, v. 12, n. 3, p. 16, 2024. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REM/article/view/2660>. Acesso em: 05 abr. 2025.

SOUTO, M.; SILVA, C.; BOTELHO, D. Influência da educação financeira no comportamento financeiro: um estudo com os discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração. **Revista de Ciências Contábeis / RCiC-UFMT**, p. 18-38, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ducineli-Botelho/publication/341447777_Influencia_da_educacao_financeira_no_comportamento_financeiro_um_estudo_com_os_discentes_e_egressos_dos_cursos_de_Ciencias_Contabeis_Economia_e_Administracao/links/5ec19be392851c11a8702b79/Influencia-da-educacao-financeira-no-comportamento-financeiro-um-estudo-com-os-discentes-e-egressos-dos-cursos-de-Ciencias-Contabeis-Economia-e-Administracao.pdf. Acesso em: 05 abr. 2025.

SOUZA, T.; NIEVAS, J. PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL: um estudo entre jovens inseridos no contexto da reforma previdenciária brasileira. **Percursos Acadêmicos**, v. 11, n. 21, p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/percursoacademico/article/view/25353>. Acesso em: 05 set. 2025.

TEIXEIRA, K.; LOPES, I.; MEURER, A. Perfil investidor e autoeficácia de estudantes de contabilidade. **Ágora: revista de divulgação científica**, [S. l.], v. 28, p. 1–22, 2023.

Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2025.

WISNIEWSKI, M. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. **Revista Intersaberes**, v. 6, n. 11, p. 155-170, 2011. Disponível em: . Acesso em: 05 abr. 2025.

Xavier, B. *et al.* Educação financeira: influência dos fatores demográficos e socioeconômicos na atitude e comportamento financeiro de estudantes do ensino médio. **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, v 5 n 2, 2021. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2025.